

O ESTAFETA

ÓRGÃO DA FUNDAÇÃO CHRISTIANO ROSA

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

PIQUETE, JANEIRO/2000- ANO III - Nº 36

EDITORIAL

O futuro chegou! Vivemos um momento histórico: o início do ano 2000. Passado o entusiasmo do Reveillon, é hora de trabalhar.

É preciso traçarmos planos e direcionarmos nossos olhos para o desenvolvimento, buscando qualidade de vida para nossa população, que, afinal, a merece. Somos um povo otimista, cheio de energia e grande capacidade de trabalho. Inteligência, criatividade e garra temos de sobra. O que nos aguarda o futuro? Os desafios que devemos enfrentar são por todos conhecidos. A população, aos poucos, torna-se consciente, crítica e começa a se mobilizar; está aprendendo, cada vez mais, a ser cidadã e a reivindicar o que lhe é de direito. Por outro lado, é preciso, mais do que nunca, resgatar e valorizar o homem público. Este ano haverá eleição municipal. O exercício da cidadania em todos os níveis poderá corrigir distorções e erros do passado e favorecer a indicação de pessoas comprometidas com o bem comum. Aqui em Piquete, há dois anos, pretensos candidatos a cargos majoritários municipais têm se articulado. Urdem as mais diferentes coligações. No entanto, é sabido que nosso município tem uma das menores arrecadações da região e que, sem dinheiro, torna-se quase impossível desenvolver projetos que concorram para alavancar nosso desenvolvimento. Então, sem arrecadação e com todos os problemas conhecidos, por que a briga e a ânsia pelo poder, a qualquer preço?

Queremos acreditar que nossos candidatos estão realmente preocupados com a cidade e com a resolução de seus problemas e, se assim for, é preciso que a população olhe o que eles estão fazendo de concreto, no atual momento, pela coletividade. Lembremos que os tempos mudaram, as barreiras ideológicas caíram. Vivemos uma nova ordem mundial em que a política do compadrio, pires na mão e de pequenos favores está superada. Sem projetos, envolvimento comunitário e parcerias, não se consegue governar. Demagogia não combina com o século 21. O governo federal está atento aos municípios e os recursos federais e estaduais não chegarão até nós se não houver um trabalho sério. Portanto, capacidade técnica e, principalmente, muita disposição para o trabalho são condições "sine qua non" para se governar. Basta de preguiça.

Temos fé e esperança no futuro. O Piquete de amanhã depende da participação de todos. Que os próximos anos sejam de muito trabalho, para o aprimoramento de nossas instituições e a construção de uma sociedade justa e fraterna.



Foto Alzira Beckmann

Trecho da Mantiqueira, em Piquete, em que se podem perceber vários pontos de desmoronamento causados pelas chuvas de janeiro. A situação é grave e exige projetos de recuperação das encostas.

2000

A plenitude expressa nestes algarismos celebra a força do Cristianismo nos dias contados. O nascimento de Jesus, rememorado nos natais, divisor do tempo e emblemático na significação histórica, tem para o calendário o sentido da direção dos fatos e das memórias.

Nos fins de milênios, a melancolia do tempo acumulado de séculos angustia os espíritos na imagem de sua finitude, recobertos que são de matéria. E as criaturas humanas buscam no eterno, no imperene e no transcendental, o sentido dos cursos. Sobrenadam, nesses oceanos de incertezas, as esperanças.

Caminhantes desse final de século, entrevemos o futuro, pois queremos nele viver. Temos a esperança como norte, a estrela como guia e, sendo filhos da luz, fazemos delas as verdadeiras enriquecedoras de nossa espiritualidade e realizações.

O Terceiro Milênio se anuncia e, para muitos, já vivemos nele.

Acreditamos que nele será primordial o cuidado com a sobrevivência extensivamente considerada – nos seres e em seus ecossistemas.

Queremos a modernidade, pois em todas as épocas, cada sociedade, em sua cultura, buscou o novo, seja de maneira utilitária, seja de maneira especulativa.

Globalizado, o mundo será cada vez mais humano. O século 21 será mais brilhante do que o 20, pois as condições

materiais, tecnológicas e históricas abriram caminho para a plena vivência humana. Do macro ao micro o homem tem revelado todo o conhecimento, o código genético está decifrado, o espaço desvendado e, real e virtualmente pode-se estar em vários lugares ao mesmo tempo, em imagens, idéias e dados.

Tudo se flexibiliza para a criação humana. Satisfeito tecnicamente, o homem continua sua investigação. Quer respostas não só relativas, mas também absolutas. Por isso, pode se preocupar com a ética. Portanto, o mundo será cada vez melhor.

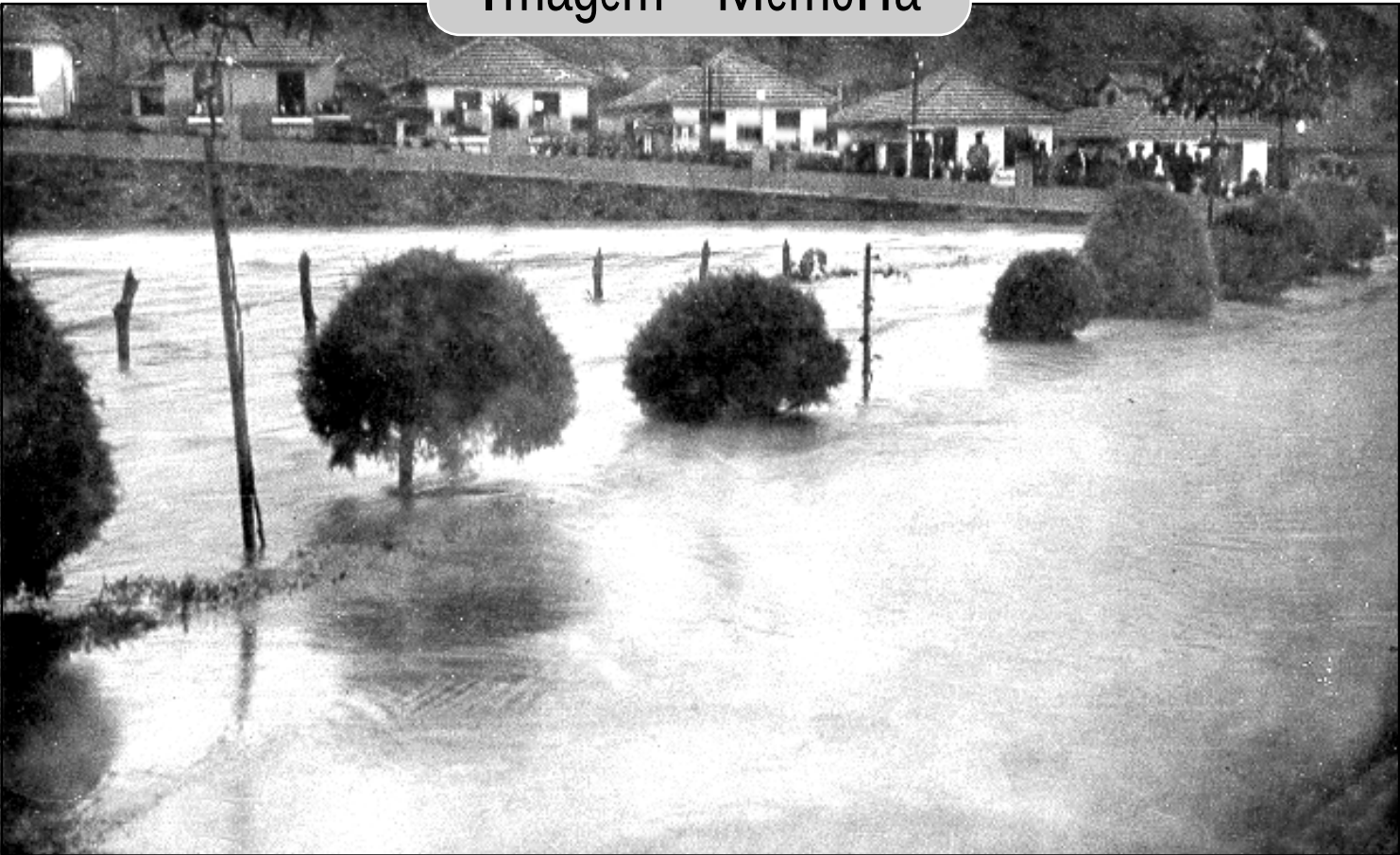
Viver nas cidades foi uma experiência marcante no século 20. As populações misturadas muitas vezes se estranharam. Tiveram e têm dificuldades de adaptação. A tomada de consciência nos debates do convívio será uma das marcas desse nosso futuro século.

Possa ser este ano jubilar de 2000 um ano de graça para tocar os corações dos que têm a liderança dos destinos das coletividades humanas maiores ou menores. Que as desigualdades possam ser vistas como partilha e solidariedade.

Que sejamos compassivos no uso das técnicas e dos meios de vida e trabalho na construção de uma sociedade digna dessa vida, da qual são símbolos o lugar em que vivemos e as pessoas com as quais convivemos.

Feliz 2000! **Dóli de Castro Ferreira**

Imagem - Memória



Tromba d’água que abateu sobre a cabeceira do Rio Sertão, no início dos anos 40. Ao fundo, a Av. Gomes Carneiro.

Tromba D’água sobre Piquete

O ano 2000 foi saudado com muita água. Sobre nossa região desabou, no último dia do ano, um aguaceiro não visto antes. Choveu em quatro dias mais do que deveria chover no mês de janeiro inteiro. A população valeparaibana e sul mineira foi surpreendida por verdadeiro dilúvio: a chuvarada deixou ruas, bairros e cidades submersas. A chuva prolongada fez com que o solo se saturasse de água e, encharcado, escorregasse com facilidade sobre casas e estradas, deixando um rastro de destruição e fazendo vítimas.

Todo verão, no período das águas, o fenômeno se repete com maior ou menor intensidade. Buscam-se culpados. Será que temos como evitar tais fenômenos? Os desabrigados culpam as autoridades competentes e estas, a chuva. Este ano foi “La Niña”, fenômeno meteorológico que ocorre devido ao resfriamento das águas do Pacífico, a causadora das tragédias.

A cidade de Piquete cresceu às margens dos rios Benfica e Sertão. Fomos ocupando, sem nenhum planejamento, o solo,

desmatando e povoando irregularmente as encostas. A localização da cidade num vale de pé de serra propicia o assustador aumento do volume dos ribeirões, com pouco tempo de chuva, o que sempre ocorreu.

No século XX foram várias as enchentes que abateram sobre Piquete, destruindo pontes, casas e causando prejuízos ao município. Através de textos, fotos e da memória de muitos moradores, podemos constatar tal afirmativa: há cem anos, no início de 1900, a pequena Vila Vieira do Piquete foi arrasada por violenta enchente. Tal fato foi descrito no jornal “A Cidade”, na coluna “Retalhos do Passado”: “Consta que uma tromba d’água abateu sobre as cabeceiras do rio Benfica. O caudal volumoso tudo arrastou à sua passagem. Dado o grande desnível, a zona que mais sofreu foi a do “Poço Fundo”. Aí, à exceção da casa de D. Alexandrina, todas as moradias foram destruídas. A impetuosidade da água tudo arrasou.” Com o crescimento desordenado

da cidade, as construções avançando sobre os rios, roubando-lhes as margens, as matas ciliares e assoreando seu leito, corremos o risco de que tais catástrofes se repitam com maior intensidade.

É preciso que, com o fim das chuvas, seja dada ao problema especial atenção, buscando-se solucioná-lo. Se não podemos lutar contra as forças da natureza, podemos, pelo menos, minimizar seus efeitos, através de políticas públicas preservacionistas, recuperando matas ciliares e fazendo cumprir as legislações que protegem o meio ambiente. Assim, não corremos o risco de ficar sem água potável quando chover na Mantiqueira. Não devemos nos esquecer de que a natureza é implacável e se vinga. Toda agressão ao meio ambiente resulta em malefícios para a população.

Enchente no rio Benfica - Av. Gen. Aquino. Foto de 9-03-1961.



Estragos causados pela enchente na fazenda do “Nhô dos Santos”, em 9-03-61



O ESTAFETA

Fundado em fevereiro / 97

Diretor Geral:
José Palmyro Masiero

Jornalista Responsável:
Rosi Masiero - Mtd-20.925-86

Revisor:
Francisco Máximo Ferreira Netto

Redação:
Rua Coronel Pederneiras, 204
Tels.: (012) 556-1192 / 556-1207

Correspondência:
Caixa Postal nº 10 - Piquete SP

Editoração: Marcos R. Rodrigues Ramos
Laurentino G. Dias Júnior

Tiragem: 1.000 exemplares

A redação não se responsabiliza pelos artigos assinados

GENTE DA CIDADE

Geraldo Gonçalves

Um senhor de 74 anos, nascido em 19 de agosto de 1924, muito consciente da vida que teve e, a qual, hoje aposentado, desfruta com a maior tranqüilidade.

Geraldo Gonçalves, o quarto dos seis filhos do casal José Calixto Gonçalves e Maria Rosa de Jesus, nasceu no hoje Bairro São José, próximo ao Quilombo. “À época ainda era distrito de Cachoeira Paulista, terra de meus pais também.”

Como quase todos em Piquete, veio para a cidade, em 1942, para trabalhar na Fábrica Presidente Vargas. Lá permaneceu por 4 anos. Nesse mesmo ano, casou-se com Carmelina Martins Gonçalves, com quem teve 10 filhos, que lhe deram 7 netos.

Uma pessoa de hábitos simples, guardou em um caderno de trovas várias passagens de sua vida. Nesse livro, ao qual recorre sempre que precisa lembrar-se de alguma data mais significativa, pode-se comprovar o seu interesse pela vida, o amor pela família cultivado desde cedo e o interesse e a preocupação pela comunidade em que escolheu viver. O respeito pelo ser humano, uma de suas características marcantes, pode ser encontrado nas trovas que dedica às tragédias ocorridas em Piquete e pelo Brasil a fora.

O mais antigo dos comerciantes em atividade, de Piquete, Seu Geraldo abriu as portas de seu armazém em 1947, em parceria com o irmão Manoel Gonçalves. A sociedade durou até 49, quando, então, passou a tocar sozinho o negócio que levaria por mais de 50 anos, até 1998.

Sempre participativo, chegou a ser suplente do vereador José Geraldo Alves, o qual substituiu por três meses quando este se licenciou por motivos de saúde.

Com o trabalho no armazém, estudou os filhos e nele aposentou-se, com mais de 35 anos de serviço. “Como uma galinha choca que não abandona nunca o ninho”,



orgulha-se de ter mudado o armazém e a residência apenas por alguns meses, para reforma do prédio. A localização de sua residência e do armazém fez com que passasse por períodos difíceis: por duas vezes, enfrentou grandes enchentes: em 1961 e 1967, sendo que nesta última teve uma perda material de pelo menos 80%. Teve de recomeçar tudo. Mas nunca desistiu. Reergueu-se, e lembra-se, com carinho, dessas passagens, tirando delas força para tocar a vida.

Muito ativo, participa de grupos da Terceira Idade, do Coral de Cursilistas e faz, ainda, alguns trabalhos, transportando pessoas em pequenas viagens. O próprio seu Geraldo resume sua vida em trovas, deixando bem claro a pessoa que é:

*“Sou um homem realizado.
Os filhos todos criados.
Tenho saúde e sou forte,
Sinto-me um pouco cansado.”*

Mutirão pela limpeza da Av. Rodrigues Alves, coberta de lixo e barro após violenta tromba d’água, no dia 10-03-1961. À esquerda, a casa do Sr. Joaquim Lopes, parcialmente destruída.



Foto arquivo Pro-Memória

Água, cultura e civilização

Misteriosa, santificada, purificadora, essencial. Através dos tempos, a água foi perdendo o caráter divino ressaltado na mitologia e na religiosidade dos povos primitivos, e assumindo uma face utilitarista na civilização moderna. Cada vez mais desprezada, desperdiçada e poluída, atingiu um nível perigoso para a saúde pública. Divina ou profana, ninguém nega sua importância para a sobrevivência do homem, seu maior predador. Como se ensaiasse um suicídio, a humanidade está matando, extinguindo o elemento responsável pelo fim do mundo da tradição bíblica. E não haverá arca de Noé capaz de salvar aqueles que lutam ou se omitem na defesa do meio ambiente. Escolha a catástrofe: novo dilúvio universal com o derretimento da calota polar, envenenamento da humanidade com as substâncias tóxicas nos mananciais, chuva ácida ou simplesmente a sede internacional pelo desaparecimento da água potável.

AJ

O Chato

“Deixe de ser chato”, talvez seja o pensamento de muitos quando repetimos esse assunto. Mas é preferível ser tachado de chato do que de insensível. Ao passear pelas ruas de nossa cidade, não é preciso ser nenhum argos para ver a situação das encostas da Serra da Mantiqueira. Desmoronamentos e futuras vossorocas se espalham por toda a extensão da serra. A lama desce e invade nossos reservatórios de água causando o que vimos recentemente: falta de água. A qualidade dessa água está afetada. Abra a torneira e veja: água amarela não é sinal de qualidade, isso você mesmo pode constatar. O problema é gravíssimo e requer atitudes rápidas.

Conter essas encostas deve ser prioridade da atual administração e mantida pelas futuras: não se pode deixar para amanhã, ou para o próximo ano ou candidato eleito. É preciso consultar especialistas para se determinar os meios mais eficazes a serem usados. Existem cidades no estado que conseguiram grandes vitórias contra essas erosões, principalmente as litorâneas como Santos e Cubatão, onde o problema é antigo. É preciso um esforço continuado junto aos órgãos públicos, ONGs e universidades com intuito de buscar vias alternativas baratas e rápidas para se prevenir novos deslizamentos e suas conseqüências. Se não for possível achar meios baratos, que sejam os caros. Estamos em área de APA federal, alimentamos a Bacia do Paraíba e merecemos respeito por nossa posição. Se o assunto for tratado com seriedade pelas autoridades, apresentando junto ao Governo Federal, através do IBAMA e MMA, um projeto viável, sem demagogias, nem atitudes “eleitoreiras”, a situação poderá ser contornada e até resolvida. Não esqueçam que existe a possibilidade de participação popular e o assunto pode ser levado em discussão com o povo. Se algo não for feito, adeus água.

Luiz Flávio Rodrigues

A Exposição do Natal

Os Presépios

Há 1999 anos nasceu um menino numa aldeia da Palestina. Foi depositado num cocho, velado por um burro e uma vacuinha, e admirado por alguns pastores e suas ovelhas. Esta é uma imagem ideal. A família desse menino não tinha teto, nem bens, nem segurança; além de tudo, estava ameaçada. Rompia, com sua simplicidade, as hierarquias poderosas, e não protegida pelas leis, nem pelo dinheiro, seguia seu curso. Mas a trilha proposta era gloriosa. Marcada pelas dores, perigos, ameaças e desconfortos, a família se deslocava levando o menino envolto em panos pobres.

Foi assim que um Deus irrompeu na História e, por decisão humana, passou a delimitar o tempo e as cronologias. A data exata do nascimento é discutida: para o calendário gregoriano, há 1999 anos, para os estudiosos da Bíblia, há 2006 anos. O dia do nascimento tornou-se festa máxima por decisões posteriores na hierarquia da Igreja Católica, e a incorporação do simbolismo teve-se a ritos muito antigos, celebrativos da luz anunciada.

Festas pagãs eram realizadas em honra ao “natalis solis invicti”, ou ao nascimento do sol invicto, a luz máxima natural, perene, ofuscante, fonte de vida e de fecundidade. A luz solar é representada nesse nascimento como referência fundamental: este Deus, nascido como sol invicto, é a grande promessa cumprida, é o anúncio de nova era, no batismo, na cristandade, marcado para sofrer, morrer, redimir. Anunciou a compaixão, alertou para os perigos da riqueza, prometeu um reino acima de todos e mais purificado, acolheu os excluídos, clamou por justiça, proclamou os bem-aventurados com fome e sede de atendimento justo. Contrariou, assim, o reino de César. Por isso, foi execrado, perseguido, torturado e morto.

Em seu nome, a cristandade formou-se, cresceu, dividiu-se e, pelas obras humanas, transformou suas palavras em ações competitivas em interpretação, significados, fins e meios. Praticamente durante dois milênios as realizações em seu nome tornam-se até, muitas vezes, contrárias aos ensinamentos de seu evangelho inspirador. Nas vozes de Lucas, Mateus, João e Marcos buscam-se norteamentos e ressonâncias.

Instituída a data natalícia, passou-se a representá-la. Consta ter sido São Francisco de Assis o primeiro a representar a cena do presépio e a inspirar sua continuidade.

Os presépios do tipo italiano, como Francisco de Assis, ganharam o mundo no ideário dos colonizadores, evangelizadores, cristianizadores e difusores da fé. Um presépio europeu era oferecido em nome da religião, como símbolo de origem. Na cena, o Deus menino, os pais humanos, a estrela guia, as visitas simples e as reais, a representação bucólica e a mensagem angelical do “gloria in excelsis Deo”.

As representações dos presépios expandiram-se e as formas foram ganhando cores locais, tipologia étnica, vestimentas culturais e significados vários. A Fundação Christiano Rosa, em Piquete, no Espaço Cultural “Célia Aparecida da Rosa”, apresentou a sua já tradicional exposição de presépios e contou, na inauguração do evento, com a significativa presença do canto coral da prestigiosa harmonia e beleza do grupo Santa Cecília, nossa tradicional reunião de vozes entusiasmadas e a competente regência de Luiz Vieira Soares.

Os presépios apresentados exibiram as variedades temáticas modeladas na argila e esculpidas na pedra, em cores naturais ou fulgurantes nos tons vivos, contrastando aos brancos, negros e dourados dos adereços.

Os artistas, brilhantes em seus gêneros, embeveceram-nos na representação. Particularmente notáveis estavam os trabalhos do artista plástico Luciano de Almeida, nosso conterrâneo valeparaibano. Luciano excede-se na perfeição dos traços, no acabamento das formas, nos detalhes expressivos e nos símbolos modelados. A maternidade sobeja-se na doçura dos olhos da mãe, no menino ainda no ventre, por nascer, amamentando-se, acalentado nos braços maternos, ou velado no berço-manjedoura. O José realça-se na entrega total, nos olhos vigilantes, nos lírios em oferta e na disponibilidade do pai, por desígnio da obra em excelência da Trindade personificada.

Para combinar com a mensagem do nascimento, o Natal dos excluídos, das

prostitutas, dos flagelados, dos sem terra, sem teto, desvalidos, aqueles que o Evangelho anuncia, nos precederão no Reino Supremo. Também a presença do índio, do negro e do branco, acima dos entulhos dos preconceitos, desvelando a presença divina. E ainda mostrando nesse grande encontro, a presença indesejada dos encarcerados esquecidos, do trabalho infantil, dos famintos de toda ordem, dos enfermos abandonados e dos marcados pela morte desacompanhada, numa trajetória de lágrimas que somente uma redenção eterna apresente-se como esperança. É pleno de sentidos este trabalho de Luciano.

Luciano de Almeida encontra, com seus presépios, outros, das mais variadas representações, na ingenuidade das peças das figureiras de Taubaté e da premiada Dona Eugênia, de São José dos Campos. Nestes, as santas figuras, mais as galinhas d’angola, os pássaros e outras aves fazem coro aos jumentos, bois e vacas, carneiros e seus pastores. Nos presépio de Kiny, do Embu, as figuras têm lábios carnudos e olhos brejeiros. São mulatinhos em mantos de esvoaçantes panejamentos e auréolas de flores... Nas peças dos artesãos do Vale do Jequitinhonha, uma das mais pobres áreas deste nosso vasto e rico país, o barro nas formas modeladas é atestado de vida e convite à introspecção. Nos presépios dos herdeiros de Mestre Vitalino, do Caruaru, em Pernambuco, a beleza agreste do homem nordestino é transmutada em símbolos de paz.

E, finalmente, estabelecendo um diálogo real, KIKO, de nossa Piquete, concedeu-nos bela escultura em peça única, de pedra lavrada: um menino aninhado num vale entre montanhas. Repousa, vigiado por cabeças volumosas em círculo de concentração enlevante...

Nos presépios expostos, a admiração dos olhares e o empenho dos artistas e expositores formaram um momento único, representativo da plenitude do Natal, para testemunhar o encontro das criaturas com o Criador, na interpretação do amor de mulheres e homens transitando em fins de 1999 para o jubilar 2000, do Grande Nascimento.

Dóli de Castro Ferreira

“Sagrada Família”: obra do artista plástico Luciano de Almeida.



Presépio de figureira da rua da Imaculada, em Taubaté.



Detalhe de presépio. Obra do artista plástico Luciano de Almeida.



Cidade Morta? Nunca!



Foto arquivo Pro-Memória

Vista parcial da cidade de Piquete. Ao fundo, o Alto da Boa Vista.

A atividade econômica é o elemento gerador de povoadamentos, como de sustentação de grandes metrópoles.

Pela história de Piquete pode-se confirmar esta assertiva.

No século XVIII, quando as áreas mineradoras das Alterosas atraíam legiões de aventureiros ávidos de enriquecimento, a transposição da Mantiqueira exigia o preparo das tropas em direção às minas, bem como o descanso dos animais que provinham das “Geraes”. O Piquete de então, que já sediava um Registro para inspeção dos carregamentos, tornou-se ponto obrigatório de parada dos tropeiros. Em razão disso, além de manter um rebanho equino disponível para a substituição dos animais cansados ou doentes, desenvolvia atividades afins ao tropeirismo, como selaria, armazéns e, naturalmente, hospedagem e agricultura de subsistência para alimentação dos viajantes.

A decadência da produção mineradora provocou o incremento da economia açucareira, fazendo com que algumas fazendas do bairro do Piquete abastecessem o Engenho Central de Lorena.

Com o advento da cultura cafeeira, os núcleos de povoamento do Itabaquara e da Freguesia de São Miguel propriamente dita passaram a aglutinar moradores, o que permitiu a Emancipação Político-Administrativa da Vila Vieira, em 1891.

Até então, a economia agro-pastoril garantiu a progressão do remoto ponto de tropeiros a uma emergente cidade cafeeira do início do século XX.

Há de se destacar ainda que a excelência do clima e o bucolismo da região, emoldurada pela Mantiqueira, atraíram turistas em busca de melhores ares para convalescença ou simples descanso.

Com início das atividades da Fábrica de Pólvora sem Fumaça, em 1905, Piquete assumiu a condição de cidade indústria, chegando à liderança de produção fabril valeparaibana na década de 20, chegando a ostentar, por algumas décadas, a

qualificação de maior centro de produção de produtos bélicos da América Latina.

Até a década de 1970, a vida piquetense acompanhou o dinamismo da produção industrial da Fábrica Presidente Vargas, mas a partir de então...

E pesaroso constatar que as últimas décadas foram de anos perdidos, quando a indústria bélica, por razões administrativas, deixou de tutelar a municipalidade que, por sua vez, não soube caminhar com seus próprios recursos e nem mesmo definir seus rumos.

Hoje, a agricultura inexistente, a pecuária leiteira não tem grande expressão e o comércio sente o sufoco pela concorrência com as cidades vizinhas. A Imbel continua ali, mas sem aquela grande expressão econômica, e as demais empresas industriais têm produção limitada.

Por inúmeras razões Piquete não tem outra opção desenvolvimentista ou de sobrevivência senão o Turismo. Ocorre que o incremento do turismo requer conscientização social, comprometimento administrativo e investimentos.

Infelizmente, grande parte da coletividade piquetense não tem consciência do potencial turístico do município e as autoridades, por despreparo, não se responsabilizam seriamente com o futuro de Piquete.

Deus presenteou Piquete com uma beleza natural admirável; afinal, por que nos orgulhamos de tratá-la como “Cidade Paisagem”?

Somos parte de uma minoria que vem clamando e lutando pelo turismo em Piquete, há um bom tempo, e o que se tem feito parte de iniciativas não governamentais.

No dia em que o Executivo, Legislativo, Judiciário, entidades sociais e as pessoas de boa vontade da coletividade se juntarem à Fundação Christiano Rosa, Piquete se norteará para o progresso.

Não esperamos nunca ver Piquete ser denominada Cidade Morta.

Leonel J. Gomes de Souza

Virá!

Luiz Flávio Rodrigues

Dois mil, escrevi. A crise da água virá com o novo século e milênio (Apesar de ainda não estarmos neles). Nunca pensei tão cedo. Dois mil: férias, água em abundância e água em falta, tédio. Multidão em fila para chegar a uma simples bica. Rica, é claro, é a água. Barrenta, leva pontes retardadas, invade casas, ruas e currais. Cava fossos onde havia poços, barreiras onde havia cachoeiras, cascatas, ou nem isso. Aquelas casas que escalam, de maneira teimosa, barrancos. Imprudência? Necessidade? Sei lá! Se foram, quem vai contar? Dois mil, acordar tarde, sem culpa e dormir pensando naqueles que não dormiram, com culpa. E pensar naqueles que são inconseqüentes, que fizeram do mato, pasto e do pasto, nada. Pensar naqueles que plantaram eucaliptos sobre a serra, quase uma guerra, sufocaram meus amores verdes. Férias, dois mil, passear. Belo é voltar e encontrar a amada vestida de gala, olhos verdes a esperar. Deus queira, se voltar. Voltar é virar pelas terras do “seu Tito” e ver o pico a apontar Deus, direto e para cima. Voltar é dobrar o trevo e então ver a amada, na serra encravada, de um lado tão viva, sorridente e, de outro, destruída, arrasada.

Mas, e as águas? Passam por aqui correndo, não param, vão-se às terras dos baixios de nosso Vale. Alcançam Brejetubas e Paraíbas, expulsam pessoas e matam as plantas. Mas água não é vida? Quem dera fosse como era, uma senhora verde que prendia a água e hoje é minha amada, violentada. Se rebela com razão contra seu agressor, o homem. Não diferencia nem ricos nem pobres, invade maldosamente seus lugares com suas lágrimas tardias. Grita ferozmente: Vingança! Essa senhora nos fala ruidosamente: “Vêem suas casas, seus carros, seus animais? Traguei-os todos. Puseram-me nua, vergonha, logo eu uma dama. Vomito-lhes em resposta pelo que me fizeram. Entendem-me? Digo-lhes agora: ainda têm tempo, tempo de ver-me grandiosa como era. Plantem uma árvore, plantem duas ou três, quiçá um bosque e cubram-me; em troca reterei as águas que lhes mandam nervosas e as entregarei calmas. Apararei a lama que desce e sempre terão água limpa e fresca. Dar-lhes-ei o clima que tinham em tempos remotos, outros séculos. Poderão viver sem medo, pois me respeitarão, e eu os respeitarei. Ainda têm tempo, repito.” Férias, dois mil, esperança. Alguém irá ler essas pobres palavras. Pensará: Eu posso! Aproveitem a mensagem fresca que a natureza lhe manda. Ponham-se a agir, não esperem que aqueles que pouco fazem ou fazem mal, façam por vocês. São vocês que devem fazer, ajudar quem faz, e num ano de eleições pôr-se a pensar. Afinal, a crise da água virá. Vocês ainda duvidam?

Uma estranha criatura



Foto arquivo Pro-Memória

Trem de passageiros do Ramal Férreo Lorena - Piquete. Foto da década de 40.

Janeiro. A menina, juntamente com três irmãos embarcou num trem “Maria Fumaça”, em direção ao sul de Minas. Era a primeira viagem sozinhos! O trem apitou e eles disseram “até logo papai, até logo mamãe, a bênção!”, agitando as mãos alegremente. Devagarinho, ele começou a deslizar, soltando rolos de fumaça branca e arremessando fagulhas nas faces de quem se atrevesse a pô-las para fora das janelas. Que balanço mais indolente e entorpecedor, fazendo um esforço enorme para subir a Serra da Mantiqueira, serpenteando por sinuosos caminhos, bufando como um dragão: silvando, fumaçando e deitando fogo. O sol brilhava, o céu era todo azul e o verde das matas era colorido pelo amarelo e roxo das flores de ipê. Quanta emoção quando o trem entrou no túnel! As luzes se acenderam e veio o aviso para que se fechassem as janelas, do contrário, a fumaça os sufocaria. E veio a expectativa do túnel do qual demorava um minuto para o trem sair. O barulho aumentava mais quando entrava nesses buracos na serra. O coração da menina parecia querer saltar pela boca, tamanha a alegria e o deslumbramento. E eles se deliciavam comendo nozes, avelãs, amêndoas, passas, castanhas portuguesas. As sobras da noite de Natal.

Horas depois chegaram à Conceição do Rio Verde, cidade onde o pai havia nascido. Tio Antônio estava na estação esperando por eles com sua antiga charrete – o táxi cacá! Na cidade conheceram tios e primos, brincaram, foram à igreja, cujo padre era primo e também ouviram muitas histórias sobre a família. Lá fumaram o primeiro cigarro feito por eles: de palha e recheados com broto seco do chuchuizeiro da casa do tio Pedro e tia Eliza. Um dia, Padre Pedro levou-os para conhecer São Tomé das

Letras, pequena cidade perto de Conceição. Ficaram hospedados na casa paroquial, toda feita de pedras, de paredes largas, piso de madeira e com fogão a lenha. Pequenos riachos e córregos corriam sobre pedras, havia muitas grutas, entre elas a de São Tomé, bem ao lado da igreja. Nele havia antigas inscrições e diziam que aquele que chegasse ao final sairia do outro lado do mundo! Bem que tentaram, mas a chama das velas teimava em apagar tão logo se afastavam da entrada. Numa dessas andanças pela cidade e seus arredores, eles conheceram Rosenda, uma mulher negra, redonda de gorda, a criatura mais estranha que uma criança poderia conhecer. A princípio meio tímida e temerosa, depois muito curiosa, viram a doida mulher levantar a saia. Ela estava sem calcinhas. “– Meu Deus, ela tem carapinha até lá!”, gritou a menina. Em seguida, Rosenda mostrou os seios, apertou um mamilo e um jato de leite espirrou longe. “– Oh, como ela fez isso?”, pensou a menina. “Será milagre? Será mágica? Deve ser feitiçaria!” Depois, com olhar zombeteiro, a louca zombeteira deixou escapular molemente uma gosma branca da boca, que escorreu queixo abaixo. Finalmente, deu uma gargalhada, fixou bem os olhos na meninada e, com desdém, desapareceu num beco da rua. Todos ficaram mudos. Aquilo impressionou a menina por um longo tempo. Afinal, nunca tinha visto o corpo nu de um adulto, uma das coisas proibidas naquela época. A cena vista e registrada ficou como segredo de infância. Até os irmãos entraram em grande misticismo, não tecendo comentários. Só muitos anos depois ela contou aos pais o episódio. Pois é, criança sabe de coisas que até pai duvida!

Amélia Pascoal Campelo

“Precisamos ser a mudança que nós queremos ver no mundo”

Mahatma Gandhi

Crônicas Pitorescas

Quase tudo novo

Palmyro Masiero

Chegamos. Eu e o 2000. Século novo, milênio novo e eu queimando óleo! Êta lasqueira! Ninguém, em idade de falar, venha me chamar de velho, que serei implacável: “Somos todos do século passado! Zerou tudo, meu!” – resposta para calar os linguarudos.

Dizem os minuciosos que, se não houvesse o ano zero, o terceiro milênio só começará em 2001. Que fiquem com seus cálculos burocráticos. Pra mim estamos em novo século e milênio. Alguém já nasceu com um ano de idade? Evidente que não; após 24 h de existência faz um dia. Necessários outros 365 para se chegar a um ano. Daí, é só cair na “base 10”, que tudo se resolve: 10, uma dezena – 100, uma centena – 1000, um milhar. Diante dessa lógica primorosa, matematicamente falando, tanto as décadas, os séculos ou os milênios começam quando os anos, respectivamente, zeram. Tudo perfeitamente claro. $E=mc^2$.

Ficam criando caso à toa... Falta-nos experiência... Os judeus já estão no ano 5760 e não estão nem aí com os nossos míseros 2000. Míseros, entenda-se, em quantidade. Para nós, cristãos, o período é muito mais que significativo. É a própria essência de nossa fé.

E com essa data redondinha pergunta-se em todos os cantos do mundo, qual teria sido o maior evento do século, a maior personalidade, a mais bela mulher... Já votaram na bomba de Hiroshima, na invenção da TV, do computador, e por aí a fora, como o maior fato dessa centena de anos. A “Time”, revista americana, escolheu Einstein como a maior personalidade. Eu colocaria num pedestal de diamante o Dr. Sabin. Sofia Loren como a mais linda... Tudo, tudo ponto de vista.

E em Piquete? Qual foi o fato mais marcante para a nossa história? “Cá do meu roçado”, como diria o Nelo Pelegrine, coloco a instalação da Fábrica de Pólvoras em nossas plagas como o marco zero de nosso progresso e, por que não dizer, da própria sobrevivência da cidade? Para tanto basta conhecermos algumas cidades co-irmãs do “fundo do Vale”, outrora riquíssimas, para termos idéia do que seriamos. Aberto a outras opiniões.

No item personalidade, temos muitas sumamente importantes. Todavia, sob meu ângulo visual, elejo o Cel. José Mariano Ribeiro da Silva, falecido em 1917, como a mais notável. Afinal, foi a “alma criadora do lugar”.

E qual a mais linda mulher piquetense nestes últimos 100 anos? Quem se propõe a responder? Tivemos muitos concursos de misses e sempre com moças lindíssimas. Tipo de assunto que não discuto. É mulher? Então já é bonita. Não sou tão radical como o Vinícius, para quem “beleza é fundamental”. Cada um que escolha sua deusa. De minha parte é cumbuca em que não meto a mão. Fico em cima do muro.



A prof. Dóli de Castro e o Cel. Alfredo Araújo, na Mostra de Artes Plásticas.



Ana Maria de Gouvêa, por ocasião da inauguração da sede da FCR e Espaço Cultural



Músicos se apresentando por ocasião da Exposição “Tropeirismo e Tradição”

Atividades da Fundação Christiano Rosa - 1999

A FCR, em consonância com seus objetivos de fomentar trabalhos e eventos voltados para a educação, cultura e formação da cidadania, promoveu, durante o ano de 1999, os seguintes eventos:

Março: inauguração da sede da Fundação Christiano Rosa e Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa” e Exposição Fotográfica “FPV – 90 Anos de História”.

Maiço: Exposição Fotográfica “Ramal Férreo Lorena – Benfica”, instalada na Estação Ferroviária “Estrella do Norte”, por ocasião da sua reinauguração.

Junho: A FCR recebe do Instituto de Estudos Valeparaibano (IEV) a Distinção Cultural Paulo Camilher Florençano.

Julho: Exposição iconográfica sobre o tropeirismo em Piquete e região, no Recinto de Festas da Cidade, durante a 18ª Festa do Tropeiro.

Agosto: Exposição “Tropeirismo e Tradição”, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”.

Setembro: Exposição “O Negro no Brasil, sob o ponto de vista Cultural, Político e Social”, em parceria com a Secretaria de Estado da Cultura, no

Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”;

-Participação no evento “Revelando São Paulo – Festival de Cultura Paulista Tradicional”, a convite da Secretaria de Estado da Cultura, em São Paulo, no Parque da Água Branca.

Outubro: Projeto Piloto de Saúde Bucal, que atendeu crianças do bairro dos Marins;

-“Mostra de Artes Plásticas”, com artistas de Piquete.

Novembro: Exposição “Monteiro Lobato – Vida e Obra” e “Mazzaropi”, da Universidade de Taubaté, no Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”;

-Entrega do Prêmio Literário FCR – 99, realizado entre as escolas da cidade;

-Lançamento do “ESTAFETA TEEN”, elaborado por adolescentes, após três meses frequentando Oficina de Jornalismo ministrada por graduanda de Jornalismo da UNITAU.

Dezembro: Continuação do projeto “Fundação Presente no Natal”:

-Feira de Artesanato;

-Apresentação do Duo de Piano e Fagote, com os músicos Adriana Mendes e Cláudio Araújo;

-Apresentação do Grupo Vocalis, de São José dos Campos, vencedor do Mapa Cultural Paulista – 1998;

-Exposição de Presépios;

-Apresentação do Coral Santa Cecília.

Todos os eventos contaram com apoio da comunidade piquetense, que compareceu e prestigiou. Nossos objetivos foram alcançados, tendo em vista que parcela significativa dos visitantes das exposições era constituída por alunos, público alvo da FCR, desde sua instituição. A participação da comunidade é sempre bem-vinda. Nossos espaços estão abertos para todos que acreditam nas potencialidades de Piquete e apostam no seu futuro. Novos talentos nas artes plásticas e na Literatura têm sido descobertos, o que nos enviaidece.

Queremos dividir o sucesso dos trabalhos de 1999 com nossos colaboradores. Temos nos empenhado na busca de parcerias, como as celebradas com a Secretaria de Estado da Cultura, com a Universidade de Taubaté – UNITAU e, principalmente, com a IMBEL, que tem colaborado de forma excepcional, sempre que solicitada.

Os tropeiros Júlio e Zé Pretinho, de Piquete, no evento “Revelando São Paulo”.



Colaboradores da FCR



Espaço Cultural “Célia Ap. Rosa”, iluminado para as festividades de Natal



Presépio do artista Luciano de Almeida



Apresentação do Grupo Vocalis, de São José dos Campos, dia 11-12-99.



Os músicos Adriana e Cláudio



REDESCUBRA SUA CIDADE



Foto arquivo Pro-Memória

Trecho da rua Elisa Ribeiro. Ao fundo, a antiga Matriz de São Miguel

Rua Elisa Ribeiro

Em 29 dia dezembro de 1894, o Intendente Antônio Nestor de França comunica à Câmara ter recebido do Tesouro do Estado um auxílio de “3 contos de reis”, e que “reconhecendo a necessidade de alguns consertos de aterro e desaterro na rua Dr. Américo Brasiliense e de uma escada de pedras que sobe para o patêo da Matriz”, solicita da mesma a necessária autorização para executá-las. O Legislativo concordou com o pedido através da Resolução nº 5, sancionada em 30 de janeiro de 1895. A escadaria foi construída em dois lances e muito serviu aos fiéis, já que à época, muitas das ruas que dão acesso à antiga Matriz de São Miguel ainda não existiam. Ela foi demolida na década de 40, devido à construção da estrada Lorena-Itajubá.

Em 1932, o prefeito nomeado Serafim Moreira de Andrade, através do Decreto

nº 10, transforma o trecho em rua, com o nome de D. Elisa Ribeiro; “a que começa na escada da rua Major Carlos Ribeiro, segue em direção à Matriz, terminando na rua Cel. José Mariano”.

Hoje, sem a escadaria, permanece como rua Elisa Ribeiro.

Elisa Ribeiro nasceu em 24 de setembro de 1875, filha do Major Pedro Tacques Bittencourt. Contraiu núpcias com o Maj. Carlos Ribeiro da Silva, filho de José Mariano Ribeiro da Silva.

Alma caridosa, Dona Elisa sempre promoveu obras de benemerência aos desassistidos do município. Católica fervorosa, além de participar ativamente dos eventos da igreja, inclusive como membro do coro, ainda colaborava com os padres que nos visitavam em suas missões. Faleceu em 1º de junho de 1932.

Notas da Cidade

□ Comemoraram, em 18-12-99, 50 anos de formados, os alunos da Escola Industrial da Fábrica Presidente Vargas. Foi realizada uma missa em Ação de Graças na Igreja de São José e, em seguida, um almoço no clube de Campo Quilombo. Estiveram presentes 16 alunos, de 18 que se formaram. As festividades contaram também com a presença de dois ex-professores: Srs. João Ramos e Juraci Faurly.

□ A comunidade piquetense está de parabéns. Apesar das dificuldades, moradores e comerciantes decoraram suas residências e comércio com luzes e motivos natalinos. Ganha a população, por conviver numa cidade mais bonita, e o comércio em geral, que atrai mais fregueses.

□ A IMBEL dá continuidade ao seu programa de coleta seletiva de lixo. Os lucros da venda do material recolhido estão sendo revertidos em sacos plásticos para serem distribuídos aos participantes do projeto.

□ Estará acontecendo no Oratório Domingos Sávio, de 16 a 30 de janeiro, a Faislândia (Férias Alegres, Instrutivas e Sadias). Mais uma vez a administração da entidade, com o apoio do grupo GNZ, está proporcionando às nossas crianças e jovens lazer, diversão e prazer, além de momentos de reflexão e debates baseados nos temas apresentados nas palestras, instalações e montagens teatrais.

□ A FCR agradece os votos de Boas Festas recebidos de: Ermelinda Gonçalves, João Gomes Sardinha, Profa. Betinha, Armando Luiz Malan de Paiva Chaves e Marilda Cotrim de Paiva Chaves, Jair Vicente Alves, Banda Marcial Silva Moreno, Regina Paula da R Faria, Antônio Domingos de Souza Neto, Trajano G. de França, Marilda Raffoul, diretora da E.E.P.G. “Antônio João”, Frederico Ferreira Filho, Gerente Geral da Nossa Caixa Nosso Banco, Inolá Eli Soares da Costa, diretora da Escola Prof. Leopoldo, Lígia do Prado Leal e Luiz Flávio Rodrigues.

Em defesa da educação

Em um de seus pronunciamentos de final de ano, o Presidente da República enalteceu o esforço de seu governo no sentido de assegurar, em 1999, o registro de 96% das crianças brasileiras em escolas de ensino fundamental (1ª a 8ª séries). Sem dúvida, o índice alcançado é histórico e de grande importância para uma nação que, “em nome de necessários ajustes econômicos”, colocou nos últimos quinze ou vinte anos, a Educação em plano secundário. Com o início de um novo milênio, em que a tecnologia e o conhecimento atingirão níveis ainda não imaginados, não faz sentido uma nação com mais de 160 milhões de almas conviver com elevados índices de analfabetismo. De forma democrática, todos os brasileiros deverão usufruir das mesmas oportunidades para a conquista de um lugar no disputado e concorrido mercado de trabalho. E, a base democrática para isso é a Educação.

Em 1996, o Governo Federal criou o Fundo de Manutenção do Ensino Fundamental e Valorização do Magistério (FUNDEF), que determinou que Estados e municípios passem a investir 15% do total dos 25% definidos em Constituição Federal no ensino fundamental. Ao lado disso, a obrigatoriedade de se gastar 60% desse valor no pagamento dos salários dos professores, garantindo que todos recebam, no mínimo, R\$ 200,00 por mês. Assegura, também, que o gasto com cada aluno deve ser de, no mínimo, R\$ 315,00. O que não podemos, entretanto, é aceitar que esses recursos tenham outro destino senão o da Educação. E, um dos caminhos para se evitar o desvio de verbas é exigir transparência das contas dos governadores e dos prefeitos. Daí a necessidade de uma Associação de Pais e Mestres (APM) efetivamente comprometida com o processo educacional de cada escola, cobrando qualificação dos professores, qualidade no ensino ministrado e a origem e a explicação dos recursos financeiros. Ao lado disso, um Conselho Municipal de Educação independente, forte e comprometido com a melhoria contínua da Educação no município. Se esse conjunto funcionar como uma engrenagem bem ajustada e lubrificada, a Educação seria a grande vencedora.

Assim, a grande virada na Educação, tão necessária e importante para o nosso país, possa, obrigatoriamente, por ações fortes e perenes dentro de cada município. Essa é a razão pela qual acreditamos que o caminho da municipalização do ensino fundamental, mesmo com alguns problemas por solucionar, é a saída lógica e racional para a superação dos desafios no campo da Educação. O envolvimento por inteiro das autoridades públicas e da sociedade é a garantia do sucesso de uma Educação séria, organizada e planejada, cujos resultados, certamente, irão beneficiar todas as famílias dos pouco mais de 6000 municípios brasileiros, aí incluídas, é claro, as famílias de nossa Piquete.

Celso Colombo